



A condição feminina e casamento como abordagem filosófica presente no conto “é a alma, não é?” de Marina Colasanti

*Islane Viana de Souza**

*Aline Franciele Silva Santos***

Resumo: Quando se pensa em filosofia é bastante comum associar essa ideia a imagem de filósofos homens, em sua maioria, europeus, e seus complexos ensaios e tratados filosóficos. Pensamento que, talvez, contribua para a dificuldade de reconhecimento da filosofia brasileira. Essa dificuldade não está apenas em compreender o que possa ser considerado nossa filosofia, mas também, em entender assuntos filosóficos abordados em diferentes formas de escrita, a exemplo, a literatura. Com base nisso, busca-se nesse artigo, mostrar a filosofia presente na literatura de Marina Colasanti¹. Essa filosofia pode ser compreendida em diversos textos, em particular, no conto “é a alma, não é?”², no qual a autora expõe os conflitos de uma mulher casada. Assunto que, também, busca-se

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista Capes. E-mail: islavianas@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6023656499841452>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9517-1954>.

** Mestranda em Filosofia na Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: alinefranciele01@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9550784121808198>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1658-4736>.

¹ Marina Colasanti é uma escritora, jornalista e artista plástica brasileira nascida em 1937. Sua produção literária transita entre contos, poesia e ensaios, sempre com um olhar crítico sobre a condição feminina e as relações de gênero. Em *O Leopardo é um Animal Delicado*, os contos evidenciam diferentes aspectos da subjetividade feminina, explorando o casamento, a maternidade e os desafios da identidade da mulher em uma sociedade patriarcal.

² O conto “É a alma, não é?” foi publicado no livro *O Leopardo é um Animal Delicado*, lançado em 1998. Esse livro faz parte de uma extensa obra de Colasanti, que frequentemente aborda temáticas femininas, explorando os papéis sociais impostos às mulheres e suas angústias existenciais. Muitos de seus contos questionam a construção do feminino dentro das relações amorosas e domésticas, tematizando o casamento, o silenciamento e a luta pela autonomia.

relacionar com “a mulher casada”, primeiro capítulo da obra “o segundo sexo: a experiência vivida”, de Simone de Beauvoir”³.

Palavras-chave: Filosofia; Literatura; Condição Feminina; Casamento.

The female condition and marriage as a philosophical approach present in the short story “É a alma, não é?” by Marina Colasanti

Abstract: When thinking about philosophy, it is quite common to associate this idea with the image of male philosophers, mostly European, and their complex philosophical essays and treatises. A thought that, perhaps, contributes to the difficulty of recognizing Brazilian philosophy. This difficulty is not only in understanding what can be considered our philosophy, but also in understanding philosophical issues addressed in different forms of writing, for example, literature. Based on this, I seek in this article to show the philosophy present in Marina Colasanti's literature. This philosophy can be understood in several texts, in particular, in the short story “it's the soul, it's not”, in which the author exposes the conflicts of a married woman. A subject that I also relate to “the married woman”, the first chapter of the work “the second sex: the lived experience”, by Simone de Beauvoir.

Keywords: Philosophy; Literature; Female Condition; Marriage.

Introdução

A filosofia é um conhecimento que não se restringe aos tratados e ensaios de “renomados” filósofos europeus e, tampouco, se limita ao rigor das produções acadêmicas. Há diferentes formas de produções filosóficas,

³ Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora e filósofa francesa, considerada uma das fundadoras do feminismo contemporâneo. Sua obra *O Segundo Sexo* (1949) apresenta uma análise histórica e filosófica sobre a opressão das mulheres, influenciada pelo existencialismo e pelo materialismo histórico. Seu pensamento abriu caminho para uma série de reflexões posteriores sobre gênero, trabalho e a construção social da feminilidade.

dentre as quais, cita-se aqui, em particular, a literatura brasileira que, não raramente, tem apresentado assuntos filosóficos que, em maioria, não recebem tal reconhecimento.

Quando falamos de representação da filosofia brasileira, não apenas as diferentes formas de escrita se encaixam nesse apagamento, também, determinados assuntos não recebem tanta abertura acadêmica, como é o caso do feminismo, no qual o seu apagamento se abrange tanto na filosofia quanto na literatura. Mesmo que a mulher seja personagem frequente na literatura brasileira, em muitos casos como “protagonistas” ou com grande destaque nessas histórias, ainda assim, essas personagens femininas permanecem as sombras dos personagens masculinos.

O conto “É a alma, não é?”, de Marina Colasanti, expõe a condição feminina sob a perspectiva da filosofia feminista ao retratar a alienação e a opressão vividas por Marta, uma mulher casada, cuja identidade e existência são limitadas pelo casamento. A narrativa evidencia como a personagem se percebe aprisionada em uma estrutura social que a define pelo matrimônio e pelos papéis tradicionais de esposa e dona de casa, um tema amplamente discutido por Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*.

Na obra de Beauvoir, o casamento é apresentado como uma instituição que aprisiona a mulher na dependência do marido, negando-lhe autonomia e reduzindo sua existência à esfera doméstica. Marta simboliza essa condição: sua rotina monótona, a espera pelo marido e a ausência de perspectivas próprias demonstram como a mulher é socialmente condicionada a viver para o outro, sem uma identidade autônoma.

A metáfora do âmbar no conto de Colasanti reforça essa ideia. Assim como a libélula presa na resina fóssil, Marta percebe-se enclausurada em sua própria vida, imobilizada por uma estrutura que não lhe permite mudança ou crescimento. Essa imagem dialoga com os estudos feministas contemporâneos, como os de Angela Davis, Silvia Federici e Françoise Vergès, que aprofundam as análises de Beauvoir ao destacar como a opressão das mulheres está vinculada não apenas ao patriarcado, mas também ao capitalismo e às desigualdades de classe e raça.

Além disso, a ausência de nome e relevância do marido na narrativa reforça que o verdadeiro "inimigo" de Marta não é o homem individualmente, mas o próprio casamento enquanto instituição patriarcal. Mesmo ao tomar consciência de sua situação, Marta não encontra um caminho de libertação imediato, ilustrando a dificuldade das mulheres em romper com estruturas opressivas.

Por fim, o conto de Colasanti, ao abordar a condição feminina de forma filosófica e literária, contribui para a tradição da literatura como espaço de reflexão crítica, como defendido por teóricas como Constância Lima Duarte e Luce Irigaray. Ele nos convida a refletir sobre a permanência dessas questões na sociedade contemporânea e a necessidade de desconstrução das narrativas tradicionais sobre o papel da mulher.

A vivência restrita: o âmbar

“É a alma, não é”, primeiro conto do livro, “O leopardo é um animal delicado”, narra a vida cotidiana de Marta, uma mulher casada, que passa dias solitários em seu apartamento dedicando-se aos cuidados do lar, à espera do marido que as manhãs sai para o trabalho e ao anoitecer retorna para casa. Tudo poderia permanecer monótono e adormecido, sem questionamento, e sem espanto algum, se não fosse por uma manhã qualquer, quando o marido de Marta, “à mesa do café”, lê uma notícia de jornal em que relata certa descoberta arqueológica, “Você viu isso, Marta? Acharam uma libélula incrustada num pedaço de âmbar, e agora vão tirar o DNA dela e fazer outra” (Colasanti, 1998, p. 8). Essa notícia, poderia ser considerada para ambos, como curiosidade, “entretenimento”, talvez, não corriqueira, mas certamente, alheia a realidade dos dois, seria, ela, também, o estopim para despertar em Marta a inquietação sobre seu casamento e sobre si mesma.

No âmbar. Preso no âmbar, como uma libélula – não exagera, Marta – está bem, não dá mesmo para tanto. Preso no âmbar, como um inseto, uma mosca. É isso,

preso no âmbar, como uma mosca [...] uma mosca no âmbar, isso é o meu casamento (Colasanti, 1998, p. 7).

“Não, o jornal não falava de Marta” (Colasanti, 1998, p. 8), não falava sobre seu marido, existência humana, essência ou casamentos. Relatava apenas aquele fato científico, direto e sem importância aparente. Digo, sem importância aparente, pois, em momento algum, Marta demonstra real interesse sobre o conteúdo dessa notícia. Enquanto seu marido narra os fatos, atento às questões ali, tais como foram apresentadas, Marta, em um momento de reflexão, encontra-se na verdade, presa em seus próprios pensamentos. Sim, ela “Tinha ido com a frase até o fim, atenta, querendo saber mais, não do que ele lia, mas do que a leitura acordava nela” (Colasanti, 1998, p. 9). E, assim, Marta, descobria-se insatisfeita. Bastou um pensamento, para que ela pudesse tomar consciência da ruína de seu casamento e reconhecer, ali, seu âmbar. “Presa no âmbar, como uma mosca”.

No conto, a autora narra que ao pensar na notícia, Marta, percebe que há por trás da história um arqueólogo, responsável por descobrir a libélula, ali, duplamente presa, aquele sarcófago as sombras do faraó, e em seu âmbar. A referência da relação entre a libélula, e o faraó com Marta e seu marido é descrita por Vanessa Franca em seu artigo, “A condição feminina presente em *o leopardo é um animal delicado* e “a moça tecelã”, de marina Colasanti”. Franca ressalta:

Tal pensamento nos leva a comparar Marta à libélula, seu marido ao faraó e, o seu casamento ao sarcófago em que libélula e faraó foram encontrados. A libélula, apesar de ter sido enterrada no sarcófago junto como faraó, está separada dele, pois está presa no âmbar. Do mesmo modo ocorre no casamento da personagem. Embora presos juntos no casamento-sarcófago, ela e o marido estão separados pelo âmbar. Para que ela acordasse do seu “sarcófago” foi preciso que ela tivesse a revelação (Franca, 2009, p. 4).

Em analogia, acrescento que, a revelação liberta Marta do sarcófago, porém, diferente da libélula encontrada e arrancada do âmbar pelo arqueólogo, Marta, como ela mesma insistentemente ressalta em seu pensamento encontra-se “presa no âmbar, como uma mosca”. Para melhor apresentar essa questão é importante destacar que o arqueólogo é representado nessa história como figura de autoridade que tem o poder de descobrir, estudar e libertar a libélula, não apenas do sarcófago, mas também de seu âmbar.

O casamento de Marta, costumeiro e gasto pelo tempo sem liberdade e sem beleza, diferente, da libélula, que dos cientistas desperta o interesse, sua vida, feito uma mosca, em sua insignificância a ninguém convém o esforço ou estudo. Marta, é só mais uma mulher esquecida e apagada, objeto, como condição de seu casamento. Sem arqueólogo que a tire do âmbar. A ciência, feita por homens e para os homens, ainda em tempos atuais, pouco se envolve com questões a nosso respeito e menos ainda nos dá espaço para isso. De modo que esse apagamento transcende a denúncia de Marta e se revela na realidade de nós mulheres.

Esse apagamento pode ser notado em diversos âmbitos, inclusive, na filosofia e na literatura brasileira. Campos esses que, ainda discutindo e apresentando questões sociais, políticas, diversidade, deixam a mulher em segundo plano, ou como apresentado por Simone de Beauvoir, como *O Segundo Sexo*.

Na literatura, independe dos textos que possam se compreender como filosofia ou não, por muito tempo a mulher representada a partir de autores homens, permanece como objeto, e novamente, retornando ao conceito de “segundo sexo”, deixadas como personagens secundárias, importantes na medida em que contribui para a construção do personagem homem como sujeito, mas nunca em sua própria construção, em muitas histórias elas permanecem estereotipadas e sem voz, sem questionamentos, e sem “alma”.

O conceito do “segundo sexo”, cunhado por Simone de Beauvoir em sua obra fundamental homônima, sugere que, na sociedade, as mulheres foram historicamente vistas como secundárias, subalternas e subjugadas em relação aos homens. Essa visão se reflete também na literatura, onde personagens femininas muitas vezes são moldadas a partir

de uma perspectiva masculina e são relegadas a papéis secundários que servem para desenvolver os personagens masculinos, sem terem a oportunidade de construir suas próprias identidades e narrativas.

Essas representações estereotipadas e desprovidas de voz e profundidade emocional perpetuam desigualdades de gênero e contribuem para a manutenção de uma visão limitada das mulheres na sociedade. A literatura tem o poder de influenciar a percepção e compreensão da realidade, e, quando as mulheres são retratadas de forma unidimensional e submissa, isso pode afetar a maneira como são vistas e tratadas na vida real.

É importante que a literatura evolua e comece a representar as mulheres de maneira mais autêntica e inclusiva, permitindo que elas tenham voz, agência e complexidade nas narrativas. Isso não apenas enriquece a literatura, mas também contribui para uma sociedade mais justa e igualitária, onde as mulheres são vistas e tratadas como sujeitos plenos de suas próprias histórias e destinos.

Apesar dos avanços no âmbito do debate feminista, observa-se que é na literatura produzida por mulheres que as personagens femininas começam a se expressar, adquirindo consciência e questionando suas questões existenciais e políticas. Nesse processo, possibilita-se a desconstrução do conceito de mulher subjugada ao homem. Sobre isso, citando Moraes e Oliveira:

A mulher, que antes era idealizada ou condenada nos textos de autoria masculina, aparece como alguém que pensa e questiona o mundo, os valores da sociedade e o convívio entre duas pessoas. Nem sempre ela chega a uma conclusão ou a uma mudança radical, mas sempre é tomada pela consciência e se torna capaz de enxergar a realidade em que vive de outra forma (Moraes; Oliveira, 2012, p. 6).

Aproveitando essa citação, voltamos a angústia de Marta, ainda conduzida por seu pensamento:

É esse meu âmbar – e Marta olhou em volta. Os móveis da sala, as paredes, os objetos e os quadros da

sala, que em geral nem via ou via apenas como uma tranquilizadora extensão de si mesma, tornaram-se debaixo desse olhar móveis quadros e paredes desvinculadas dela [...] E os objetos, como ela havia podido escolher algum dia aqueles objetos que agora nada lhe diziam? (Colasanti, 1998, p. 8).

Até esse momento, Marta permanecia completamente alheia não apenas ao seu casamento, mas também à possibilidade de ser algo além de uma mulher casada. Ao escolher os móveis, Marta tentava compreender sua própria identidade, ou talvez, antes dessa revelação, ela nunca tivesse questionado a possibilidade de entender-se para além daqueles móveis ou de sua condição de mulher casada. Anteriormente, o interior da casa decorado por Marta, que ilusoriamente transmitia uma sensação de escolha, pertencimento e autonomia, já não a representava. Assim como os móveis, Marta também era apenas um objeto daquele apartamento, uma extensão que agora se desvanecia. Em sua inquietação, essa extensão deixava de ter significado. E assim, ela acordou de seu sonho, de sua ilusão, e começou a reconhecer ali sua prisão: “Geograficamente enquadrada pelas fronteiras das paredes, o meu âmbar, pensou Marta, é de gesso” (Colasanti, 1998, p. 8).

Mesmo em processo de desfazimento, ela não se torna sujeito, pois os vínculos entre a mulher e o casamento vão além das fronteiras do apartamento de Marta. Estes são laços sociais e históricos que existem e determinam a condição de ser mulher antes mesmo da existência de Marta. Conscientizar-se dessa realidade não liberta Marta ou a torna sujeito, pois, enquanto mulher, ela permanece atada à instituição do casamento, mesmo estando “fora dele”. Pode-se sugerir a aparente solução, o divórcio. No entanto, o que Marta seria, mesmo que deixasse esse casamento, além de uma mulher divorciada? Mesmo em uma hipótese em que Marta nunca tenha sido casada, o que ela seria senão uma mulher solteira? Ainda assim, Marta estaria ligada à ideia de casamento. Independentemente da situação, dentro da estrutura patriarcal da sociedade, como defendido por Simone de Beauvoir no “A mulher casada”, o primeiro capítulo da segunda parte de “O segundo sexo: A experiência vivida”, ela explica:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição (Beauvoir, 1970, p. 165).

O casamento é uma condição que, como estratégia de controle e manutenção do poder na sociedade patriarcal, sustenta a subordinação da mulher em relação ao homem. Diante do casamento, o homem não perde sua liberdade e não se torna objeto, como Simone cita:

Ao homem, o casamento outorga precisamente a síntese feliz; em seu ofício, em sua vida política, êle conhece o progresso, a mudança, experimenta dispersão através do tempo e do universo; e quando se cansa desse vagabundear, funda um lar, fixa-se, ancora no mundo; à noite, retorna a casa onde a mulher cuida dos móveis e dos filhos, do passado que ela armazena. Mas esta não tem outra tarefa senão a de manter e sustentar a vida em sua pura e idêntica generalidade; ela perpetua a espécie imutável, assegura o ritmo igual dos dias e a permanência do lar cujas portas conserva fechadas; não lhe dão nenhuma possibilidade de influir no futuro nem no universo; ela só se ultrapassa para a coletividade por intermédio do esposo (Beauvoir, 1970, p. 169-170).

Simone de Beauvoir, em sua obra, aborda de forma incisiva e crítica a transformação da vida da mulher quando ela se casa. Ela discute como o casamento historicamente representou uma transição na vida de uma mulher, indo de seu convívio familiar para o ambiente do marido. Esse processo de mudança simboliza uma transição de papéis, onde a mulher muitas vezes via sua vida dividida entre a fase de solteira e a fase de casada⁴.

⁴ Os apontamentos de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949) são, de fato, datados em muitos aspectos, especialmente porque refletem uma realidade específica da mulher

Ao se casar, a mulher tradicionalmente deixava sua família de origem para se integrar na família do marido. Esse momento representava não apenas uma alteração em seu estado civil, mas muitas vezes uma modificação profunda em sua identidade e em sua posição na sociedade. A mulher passava de uma condição de solteira, onde tinha uma relativa independência e liberdade, para a condição de casada, que frequentemente envolvia um papel mais tradicional e submisso.

Com o passar do tempo e as mudanças nas estruturas sociais, a transição de solteira para casada tornou-se menos extrema em termos de mudanças drásticas na vida das mulheres. No entanto, Beauvoir destaca que muitas mulheres ainda enfrentam a perda de sua individualidade ao se envolverem romanticamente com homens, seja no namoro ou no casamento. A pressão social, as expectativas culturais e os estereótipos de gênero muitas vezes as levam a se moldar às expectativas de seus parceiros, perdendo parte de sua autonomia e identidade própria. E percebemos uma perda de identidade em Marta.

Simone destaca que o casamento elimina a possibilidade de alcançar felicidade, amor e plenitude sexual para a mulher. Isso ocorre, em grande parte, porque dentro dessa instituição, tanto a mulher quanto o homem não conseguem se conhecer verdadeiramente. Embora o homem possa ter relações extraconjugais e ainda ser aceito na sociedade, para a mulher resta apenas a resignação em relação ao sexo dentro do casamento.

francesa da classe média do pós-guerra. Seu conceito de mulher como “o Outro” e sua crítica ao casamento e à maternidade foram formulados dentro de um contexto europeu de meados do século XX, sem considerar questões como raça, colonialismo e desigualdades globais no trabalho de cuidado.

No entanto, apesar dessas limitações, sua obra continua sendo fundamental para os estudos feministas, pois inaugurou uma análise filosófica e existencialista da opressão feminina. Autoras como Angela Davis (*Mulheres, Raça e Classe*, 1981), Silvia Federici (*O Ponto Zero da Revolução*, 2017) e Françoise Vergès (*Um Feminismo Decolonial*, 2019) ampliaram essa discussão ao incluir questões de classe, raça e colonialidade no debate sobre o trabalho reprodutivo e o cuidado. Assim, embora Beauvoir não tenha abordado todas as camadas dessa discussão, seu pensamento abriu caminho para novas perspectivas críticas que continuam a se desenvolver. Portanto, sua obra não deve ser lida como uma análise definitiva e universal da condição feminina, mas como um ponto de partida essencial para compreender as transformações do feminismo e do debate sobre o trabalho de cuidado ao longo do tempo.

O casamento é destinado a defendê-la contra a liberdade do homem: mas como não há nem amor nem individualidade fora da liberdade, a fim de se assegurar para sempre a proteção de um macho, ela deve renunciar ao amor de um indivíduo singular (Beauvoir, 1970, p. 175-176).

É preciso fazer um recorte de classe, pois as mulheres burguesas ficam presas dentro do seu lar e suas existências e importância acabam sendo restringidas aos cuidados com o lar, o marido e aos filhos e isso acaba gerando frustração nas mulheres. Esse parece ser o caso de Marta de Colasanti⁵.

Podemos perceber, que esse conto de Marina pouco nos fala sobre o marido de Marta. Ele nem se quer nome tem. O marido de Marta não é importante, não é um personagem a ser destacado no pensamento dela. Isso, pois, o âmbar é a própria ideia de casamento, como aquilo que a define. Assim, o marido de Marta, embora não nos seja permitido conhecer representa “o primeiro sexo”, o sujeito nessa ideia de casamento, amparado pela tradição. Isso pois, mesmo sem voz, sem rosto é ele quem sai do apartamento todos os dias, vai ao trabalho, como provedor daquela casa e de Marta, ao anoitecer retorna ao lar, e como parte dos móveis confinada naquele apartamento Marta o espera. É ela quem está anteriormente condicionada ao casamento, não ele. O marido de Marta é livre, não precisa questionar sobre sua condição diante do casamento.

⁵ Simone de Beauvoir escreveu *O Segundo Sexo* em 1949, um período em que o casamento burguês era a norma para as mulheres francesas de classe média e alta. Essa instituição, fortemente ligada à estrutura patriarcal da época, determinava que a mulher desempenhasse um papel essencialmente doméstico, sem autonomia financeira ou reconhecimento social fora do lar. O trabalho doméstico e os cuidados com os filhos eram naturalizados como tarefas femininas, enquanto os homens exerciam atividades públicas e produtivas. A questão central é que, mesmo com a emancipação feminina ao longo do século XX, muitas dessas desigualdades persistem, apenas deslocadas: quando mulheres brancas e burguesas deixam de cuidar da casa, outras mulheres, geralmente racializadas e de classes populares, assumem essa função como trabalhadoras domésticas. Essas camadas de exploração foram amplamente desenvolvidas em estudos pósteros, como os de Angela Davis, Silvia Federici e Françoise Vergès, que apontam como a carga do cuidado continua a recair sobre mulheres dentro de um sistema capitalista e patriarcal.

Simone apresenta uma reflexão sobre o papel que a mulher desempenha o lar do seguinte modo:

O trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrada a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação: isto significa que, longe de libertar a matrona, ele a coloca na dependência do marido e dos filhos; é através deles que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação inessencial (Beauvoir, 1970, p. 109).

Beauvoir argumenta que o trabalho realizado pelas mulheres dentro de suas casas não proporciona autonomia real. Ela salienta que esse tipo de trabalho não é considerado diretamente útil à coletividade, não está voltado para o futuro e não gera algo tangível. A mulher que se dedica apenas ao trabalho doméstico muitas vezes não obtém reconhecimento social significativo ou uma valorização que vá além do ambiente familiar.

A ideia central aqui é que o trabalho doméstico, apesar de ser uma atividade essencial, muitas vezes não é valorizado adequadamente e não proporciona à mulher uma sensação de realização e autonomia no contexto mais amplo da sociedade. Simone de Beauvoir argumenta que a verdadeira autonomia e dignidade para a mulher vêm da integração em esferas sociais e profissionais mais abrangentes, como a produção ou a ação na sociedade⁶.

⁶ O cuidado é uma atividade essencial para a reprodução social e a manutenção da vida, mas, historicamente, foi associado às mulheres dentro da lógica patriarcal. Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949), critica como as mulheres foram relegadas ao espaço doméstico e ao trabalho de cuidado, vistos como uma extensão “natural” da feminilidade. No entanto, essa concepção não é universal e inquestionável; é uma construção social que reforça desigualdades de gênero.

Silvia Federici, em *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista* (2017), analisa como o capitalismo consolidou essa divisão, tornando o cuidado um trabalho invisível e não remunerado. Para Federici, o trabalho doméstico e de cuidado foi historicamente imposto às mulheres como parte da acumulação primitiva do capital, garantindo a reprodução da força de trabalho sem custos para o sistema capitalista.

Beauvoir também critica a situação na qual as mulheres são colocadas em uma posição de dependência em relação aos maridos e filhos, e que sua existência e sentido de justificação estão atrelados a essas relações. A mulher, nesse contexto, se torna uma “mediação inessencial” na vida de outros, em vez de ser reconhecida como um indivíduo autônomo com contribuições valiosas para a sociedade.

Essa análise de Simone de Beauvoir reflete as estruturas de gênero e as expectativas sociais que historicamente limitaram as oportunidades das mulheres, destacando a necessidade de uma mudança profunda na forma como a sociedade valoriza e reconhece o trabalho e a contribuição das mulheres.

Sob essa ótica, o matrimônio concede ao homem a liberdade de sair de casa para produzir, criar e inventar, ao passo que a mulher busca na gestão das atividades domésticas sua justificativa social de importância e relevância. No entanto, nessa dinâmica, o trabalho feminino é considerado dispensável e passível de substituição. O conto deixa claro essa característica de dependência de Marta dentro do casamento.

O casamento, é esse o âmbar que aprisiona Marta. Esse âmbar representa a essência feminina. Não se trata apenas da monotonia ou da rotina diária que possa ser restaurada, como uma chama inicial capaz de devolver a Marta a liberdade “da libélula”. O casamento é um âmbar histórico, enraizado e socialmente construído de tal forma que é impossível desvencilhar-se dele. As paredes de gesso do apartamento de Marta não aprisionam apenas seu corpo, mas também todas as possibilidades de ser. No âmbar, o que está cativo é a alma de Marta, fixada como um inseto que nenhuma filosofia tem a intenção de resgatar.

Dentro desse âmbar, dentro do casamento, nessa condição social, todas nós mulheres estamos aprisionadas por herança⁷. Isso é narrado no

Françoise Vergès, em *Um Feminismo Decolonial* (2019), amplia essa crítica ao mostrar como o cuidado é racializado e hierarquizado no contexto da colonialidade. Ela argumenta que o feminismo branco muitas vezes ignorou como as tarefas domésticas e de cuidado foram delegadas a mulheres racializadas e de classes mais baixas, perpetuando relações de exploração dentro do próprio feminismo.

⁷ A condição das mulheres, como abordada no conto, pode ser vista como uma prisão social e cultural que reflete as limitações impostas pelo casamento e pela posição social. No

conto por Marina, quando Marta olha uma joia de família que passou de geração em geração, dizendo: “Âmbar, recordando um colar visto tantas vezes em uma caixa, seja o colar da mãe ou da avó, contas de mel solidificado, resina, quase morno ao tato” (Colasanti, 1998, p. 8). A joia é comparada com um âmbar, pois assim como Marta, também sua mãe e avó estão fixadas nessa condição de subordinação em relação ao homem. Essa lembrança, ainda não apagada, ressurge na história de Marta e de tantas outras mulheres.

À semelhança de Marta, percebemo-nos como prolongamento do casamento, mesmo que estejamos fora dele. O casamento é uma condição, uma concepção que ao longo da história se solidificou, fundamentando-se como a essência do que poderíamos ser enquanto mulher. Assim como Simone evidenciou, o casamento é uma dessas condições fabricadas e impostas às mulheres dentro desta sociedade patriarcal.

O trabalho doméstico, não assalariado, de cuidar da casa e apenas criar os filhos, que embora possa até ser interessante e enriquecedor para algumas, para Simone, não é considerado um trabalho produtivo do ponto de vista econômico, além de ser uma condenação para as mulheres, pois, estas acabam por depender economicamente de seus maridos, e se tornam, inclusive, “escravas sexuais”, submissas às escolhas e vontades daqueles. Ela tem a firme posição de que a mulher ao se casar com um homem, somente por dinheiro, porque se sente incapaz ou até mesmo não tenha o desejo de buscar sua independência financeira, abdica de seu valor e dignidade. Adentrando um pouco mais nessa filosofia de Marina, cito Vanessa:

entanto, é fundamental reconhecer que a experiência feminina não é homogênea, pois as mulheres enfrentam opressões diversas e interconectadas, como aponta Angela Davis: “A luta das mulheres é indissociável da luta contra o racismo, o classismo e outras formas de opressão” (Davis, 1981, p. 76). Essa perspectiva interseccional nos permite perceber que, enquanto algumas mulheres podem ser aprisionadas por normas sociais relacionadas ao casamento, outras, como as mulheres negras, enfrentam formas adicionais de opressão que limitam não apenas o acesso ao amor e ao casamento, mas também à liberdade e autonomia plena. Portanto, a análise do conto deve ser enriquecida com a consideração das múltiplas dimensões da experiência feminina, levando em conta as diferentes formas de opressão que se entrelaçam nas realidades vividas por mulheres de diferentes contextos sociais e raciais.

[...] Marina Colasanti desnuda a condição feminina e faz com que reflitamos sobre o papel da mulher na sociedade. As situações com as quais nos deparamos em suas narrativas – habituais, corriqueiras –, fazem com que tenhamos, como suas personagens, um momento de revelação (Franca, 2009, p. 7).

Na rotina do dia a dia, a surpresa de Marta não pode ser encarada como um tema banal ou meramente como devaneios de uma personagem. Marta coloca questionamentos profundos sobre a existência. São indagações que se alinham à corrente filosófica do existencialismo, a qual concebe a alma como a própria essência do ser. Portanto, sustentamos que, ao ler este conto de Marina, não é necessário fazer um grande esforço para perceber nele o desenvolvimento de um pensamento filosófico. Como mencionado por Magalhães:

[...] a literatura contribui para a própria história do pensamento, é o pensamento em articulação e de grande interesse para outras formas de sua constituição e estruturação, neste caso a filosofia. Pressupõe-se, portanto, a pertença e relação, não o esforço artificial de uma à busca da outra (Magalhães, 2009, p. 48).

Esta não se restringe apenas à narrativa de Marta. Colasanti, por meio de seu conto, retrata a condição das mulheres diante da instituição do casamento, da construção de nossa essência e do apagamento social e político em relação ao estudo sobre o feminino. Assim como Marta, estamos distantes dos olhos do arqueólogo em nossas próprias reflexões. Isso ocorre quando um momento de surpresa nos permite, ao menos, fazer tais questionamentos.

Ao concluir o conto, lamentavelmente, não alcançamos uma conclusão definitiva sobre a alma de Marta. A distância entre ela e o marido não se dissolve com o fim da narrativa. Pelo contrário, a autora não encerra os pensamentos de Marta com uma ação que aponte para o divórcio. Marta permanece sentada na sala de televisão, desligada do

marido que retorna do trabalho, imersa em seu fluxo de pensamentos (Morais; Oliveira, 2012, p. 4).

Apesar da ausência de uma conclusão previsível, a trajetória de Marta, com toda sua desconstrução, autoexploração e, até mesmo, a opção por permanecer na alienação, espelha a realidade das mulheres. Como no conto, nós também permanecemos isoladas em nossos próprios pensamentos, travando lutas que muitas vezes parecem individuais. Nos falta a reciprocidade que é percebida em tantas outras questões sociais para as quais toda a arqueologia, literatura, filosofia e ciência dedicadas à construção do patriarcado se voltam. Retomando as palavras de Simone:

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; êle é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. Vimos por que razões o papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade (Beauvoir, 1970, p. 166).

Para Simone, a mulher ao se tornar independente do marido, deixa seu estado de objeto, vai se tornando sujeito e construindo sua essência. A exemplo dessa independência podemos destacar a econômica, quando a mulher, através do trabalho cria sua independência financeira. Percebemos, ao final do conto, que Marta, mesmo após a tomada de consciência, continua em casa, à espera do marido, e assim, permanece em renúncia com a chance de sua construção enquanto sujeito.

Como defendida por Simone em sua filosofia, a liberdade da mulher não se dá na vida privada e sim enquanto conjunto. Isso, pois, não se trata apenas da essência de Marta, e sim da construção histórica da essência feminina, a partir de certas condições sociais, como o casamento,

a exemplo do conto. Mas presa em seus pensamentos, presa na história, em seu apartamento, Marta encontra-se sozinha, confinada e isolada.

Atualmente, ainda persistem mulheres que permitem ser subjugadas em suas relações afetivas, mantendo a mentalidade de que para se sentirem verdadeiramente mulheres, precisam casar, ter filhos e desempenhar o papel de donas de casa. Muitos homens ainda se consideram senhores de suas namoradas, companheiras e esposas, cometendo agressões morais, físicas e psicológicas contra elas. Em casos mais extremos, chegam a tirar-lhes a vida.

No Brasil, diariamente mulheres sofrem agressões, violência ou perdem suas vidas, levando à promulgação da Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), e da Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015 (que reconhece o feminicídio como crime hediondo). No entanto, o combate à violência contra as mulheres deve ser uma luta constante, principalmente por meio de campanhas, políticas públicas e iniciativas comunitárias, visando eliminar o pensamento machista profundamente enraizado tanto em homens quanto em mulheres.

Marta de Marina pode encontrar-se isolada em seu apartamento, mas não mais sem voz, sem pensamento. Marina, assim como tantas outras autoras feministas, nos mostra através de suas personagens mulheres que questionam, que pensam, que sofrem, que vivem problemas sociais e políticos próprios da condição feminina. Assim como essas autoras e suas personagens, nós mulheres temos questões reais que merecem e devem ser discutidas nas academias, nas literaturas, nas ciências, a partir de mulheres, pois assim como Marta, Marina e Simone, temos história, questionamentos, voz e filosofias.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Europa Livros, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Europa Livros, 1970.

COLASANTI, Marina. É a alma, não é? In: COLASANTI, Marina. *O leopardo é um animal delicado*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998. p. 7-10.

DAVIS, Angela. *Women, Race, & Class*. New York: Random House, 1981.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FRANCA, Vanessa Gomes. A condição feminina presente em o leopardo é um animal delicado e “a moça tecelã”, de Marina Colasanti. I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2009.

MAGALHÃES, Antonio. Diálogos entre filosofia e literatura. Partilhas do saber. *Revista Páginas de Filosofia*, v. 1, n. 2, p. 47-59, 2009. <https://doi.org/10.15603/2175-7747/pf.v1n2p47-59>.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque; PAGOTO, Cristian. Cultura patriarcal e representação da mulher na literatura. *Ideação*, Foz do Iguaçu, v. 11, n. 1, p. 9-23, 2000.

MORAES, Gustavo Vieira de; OLIVEIRA, Yani Rebouças de. (Qual é) a representação da mulher construída pelos contos “É a alma, não é?” e “Um dia, afinal” de Marina Colasanti? *Revista Temática*, João Pessoa, v. 8, n. 4, p. 1-7, 2012.

VERGÈS, Françoise. *Um Feminismo Decolonial*. Trad. Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. A construção da personagem feminina na literatura brasileira contemporânea (re)escrita por mulheres. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 95-105, 2011. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v9n0a3923>.

Data de registro: 13/12/2023

Data de aceite: 20/02/2025